

**Projeto: Quilombos do Vale do Jequitinhonha: Música e Memória**

**Instituição responsável: Nota Musical Comunicação**

**[www.quilombosdojequitinhonha.com.br](http://www.quilombosdojequitinhonha.com.br)**

**Entrevistados: José João Alves Soares, Ernestina Alves, Elisa Alves Souza, Elza Alves Vieira, Sandro Gomes dos Santos**

**Comunidades Porto dos Alves e Porto Servano, município de Chapada do Norte, Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais**

**Abril, 2014**

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte, conforme segue, e que não seja para venda ou qualquer fim comercial:

FOGAÇA, Sérgio; SYDOW, Evanize. Uma grande família chamada Alves – Entrevista de José João Alves Soares, Ernestina Alves, Elisa Alves Souza, Elza Alves Vieira, Sandro Gomes dos Santos. *Quilombos do Vale do Jequitinhonha: Música e Memória*. São Paulo, Nota Musical Comunicação, 2017

## *Uma grande família chamada Alves*

Tudo indica que as comunidades vizinhas Porto dos Alves e Porto Servano tenham a origem de seus nomes nas famílias que sempre habitaram ali, desde os tempos da pós-escravatura. Segundo relato de seus moradores, José João, Ernestina, Elisa, Elza e Sandro, os mais velhos de que eles têm conhecimento em cada comunidade são Joaquim Alves, de Porto dos Alves e Servano dos Santos, de Porto Servano. Os quatro lembram com alegria das tradições e fatos pitorescos das comunidades, como quando ainda não tinha luz, e seus pais socavam mamona, colocando num prato e acendendo esse preparado para a iluminação do ambiente. “Ficava um fumaceiro na casa, mas a luz, naquele tempo, era essa”, rememora José João. Ou de quando ainda não tinham instrumentos e o batuque era feito na porta. “Eu mesmo tinha um avô que fazia batuque na casa de qualquer um, batendo na porta, e o povo dançava a noite toda”, conta Elisa.

José João Alves Soares – Tenho 47 anos e sou da comunidade de Porto dos Alves.

Elza Alves Vieira – Tenho 48 anos, e mora na divisa de Porto dos Alves e Porto Servano. Nasci no Servano, e moro lá, mas é divisa com Porto dos Alves.

Ernestina Alves – A minha idade é 72 anos, moro em Porto dos Alves, na beira do Rio Araçuaí.

Elisa Alves Souza – Tenho 66 anos, moro em Porto dos Alves, mas nasci em Esgamela.

*Com quantos anos a senhora mudou para Porto dos Alves?*

Elisa – Já há uns 20 anos.

*Você, que é mais novo que elas, o que lembra? Você conviveu com seus avós, conhece sobre a origem de vocês?*

José – Eu tenho pouca lembrança, convivi pouco com meus avós. Nós aqui somos da religião católica e quando tinha alguma festa eles sempre passavam alguma coisa para

nós. Ou quando tinha mutirão, um ajudava na roça do outro e no final fazíamos uma festa. No final tinha a roda, o Nove, o Vilão, o Caboclo. Mas eu acho que os mais velhos estão mais por dentro disso.

*Mas vocês mais jovens preservam essa cultura?*

José – Preservamos quando tem uma festa com Vilão, Roda, Nove, Caboclo. O Nove é uma dança.

*O Nove é uma dança, e o que é o Caboclo?*

Elza – O caboclo é uma dança de quatro pessoas.

*Essas danças estão ligadas à religião, tem alguma delas que é mais específica para algum ritual religioso?*

Elza – Sim, a Roda mesmo, o Vilão, o Caboclo Surubim, o Nove.

*Vocês podem falar um pouco de cada uma delas, e também ligar cada uma delas ao respectivo ritual religioso?*

Elza – Quando tem as festas, às vezes, a gente levanta o mastro e você vai com a bandeira na frente, e o povo pulando atrás, daí entrega e sempre tem o Nove.

*E é ligado a qual religião?*

Elza – Católica.

*A comunidade é toda católica?*

Elza – Tem alguns que não, são adventistas ou batistas, mas uns pingados mesmo.

*Mas da memória mais antiga que vocês têm são sempre todos católicos, não tem outra religião?*

Elza – É.

*E a questão de levantar o mastro, o que isso significa numa dança dessas? Tem algum simbolismo, algum significado diferente?*

EAS – Significa que é uma tradição dos mais velhos, que sempre tinha aquele mastro, e depois do mastro tem as danças.

Elza – É uma brincadeira de fé, e a gente foi criado naquilo. Fazia uma festa, rezava o terço e tinha um pau onde colocava a bandeira na ponta. Vai levantando o pau e a bandeira ia subindo, muito bonito, e o pessoal rodando atrás. Então é uma dança muito bonita.

Elisa – Por exemplo, dia de São João a gente levanta o mastro e canta assim: “São João de muitas velas, vai levantar a bandeira se Deus quiser” E os outros respondem: “o São João, que dia que é, até pelo ano se Deus quiser” Com isso fazia aquela festa, e todo mundo dançava o Caboclo, e também a Roda e o Vilão.

*Era a noite toda?*

Elisa – Era.

*Isso continua, os mais novos também estão juntos?*

Elisa – Continua, e os mais novos vão seguindo a mesma coisa. Na verdade, são os mais novos que estão dançando porque os mais velhos não estão tendo força.

José – O mastro sempre foi tradição de ser dirigido pela fé. Às vezes, quando meu menino estava doente, eu dizia assim: “minha Nossa Senhora Aparecida, me ajuda que meu menino melhora”. E naquele sentimento, do menino melhorar, eu pensava que ia levantar o mastro. Então, os mastros dirigem muito essa fé das pessoas. O levantar a bandeira não é à toa, é porque tem um milagre para a comunidade. Por isso que em todas as comunidades levanta o mastro, é pela fé. Ficou por uma brincadeira de fé, de nós, os homens católicos. Outras vezes, se tem um irmão doente, na UTI, a gente pede para Virgem da Lapa ajudar o irmão melhorar, que no próximo ano fazemos a festa. É dirigido assim.

Elisa – Também tem quando os mais velhos reúnem numa casa para rezar o terço, num sábado ou domingo, fazendo promessa. Convida a rezadeira, faz oração e depois sempre tem um golinho de refrigerante, biscoito e bolo de fubá.

*Nessa festa de levantar o mastro, que comidas acompanham ou acompanhavam e ainda tem?*

Elisa – Costuma ter bolo, biscoito, pão, café, refrigerante e um vinhozinho.

*Mas lá atrás, no tempo de seus avós, que comida eles faziam e que vocês até hoje, de vez em quando, ainda fazem?*

Elisa – São essas mesmo, biscoito e bolo.

*Angu não?*

Elisa – Angu também, cuscuz.

José – O arroz naquele tempo era a canjiquinha, eu lembro. E minha mãe ainda faz, é muito bom.

*Quantos anos tem a comunidade de vocês, sabem mais ou menos?*

Todos – Acho que ninguém lembra. Aqui desde os antigos era Porto dos Alves.

Elisa – Era assim. É Porto dos Alves porque tem um povo que tinha canoa, e sempre repetia que ia passar lá em cima, nos Alves. As pessoas comentavam sempre assim, “fulano de tal é dos Alves”, ou, “vou passar lá em cima nos Alves”. Assim como a gente também comentava que ia passar no Servano, já que o pessoal lá, os mais velhos, era Servano. E nisso continuou e o pessoal a dizer “eu vou passar no Porto Servano”.

*A comunidade, então, ganhava o nome da família?*

José – O mais velho que morava aí se chamava Joaquim Alves, então ficou sendo Alves.

Elisa – E lá embaixo, o mais velho da comunidade se chamava Servano dos Santos, e ficou assim o nome da comunidade.

*De vocês quem é o mais velho? A senhora lembra de seus avós, chegou a conhecer?*

Ernestina – Não conheci não.

*E seus pais morreram com quantos anos, mais ou menos?*

Ernestina – Meu pai morreu com quase 70 anos.

*Faz tempo que ele morreu?*

Ernestina – Acho que uns 40 e poucos anos.

*Quer dizer que a comunidade deve ter mais de 150 ou 200 anos?*

José – Tem mais, meu pai está com 74 e minha mãe com 76 anos, e a minha vó, mãe dela, já morava aí.

Elisa – E a sobre tradição dos mais velhos, do que o pessoal comia, que ele perguntou, eles plantavam arroz, colhiam e socavam no pilão. Os mais velhos comiam as coisas mais naturais, socava tudo no pilão, limpava o arroz, limpava o milho, tirava canjiquinha, e tirava canjiquinha grossa. Fazia escaldado de farinha de mandioca com gordura, e todo mundo comia. Farofa de quiabo que eu lembro bem lá em casa. E fazia farofa de ora-pro-nóbis ou de quiabo.

Ernestina – Abobora, maxixe<sup>1</sup>, o que dava na roça nós plantávamos tudo.

José – E eu, com a minha idade, tenho 47 anos, ainda me lembro quando não tinha energia. A luz nossa era socando mamona, colocava num prato e acendia aquilo ali, ficava com um fumaceiro em casa, mas a luz era isso aí.

E – Você tem filhos, eles mantem essa tradição das danças, das festas?

José – Sempre frequentam.

E – Vocês têm essa preocupação de passar para os mais jovens, para as crianças?

Elisa – Tem, e eles gostam muito. Tem muitos que já estão nos grupos.

*Grupo de quê, por exemplo?*

Ernestina – Estão no grupo de roda de caboclo que nós temos, Caboclo Surubim. Através de nós, um ou outro quer entrar. A gente faz uma roda e todos eles estão acompanhando.

---

<sup>1</sup> Planta rasteira de cultivo anual, é próprio de regiões de clima quente. Seus frutos são verdes, comestíveis, ovalados e com espinhos moles e nada pontiagudos. Planta rica em zinco, mineral importante para os tecidos do corpo e o metabolismo do açúcar. Como durante o cozimento costuma-se perder o zinco, é aconselhado consumo cru, em salada ou suco. Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Maxixe\\_\(hortali%C3%A7a\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Maxixe_(hortali%C3%A7a))

Por isso, a gente percebe que eles estão com vontade de seguir o que a gente também aprendeu. Os mais novos vão seguindo o passo. Eu lembro quando eu era mais novo, minha mãe rezava o terço, nós íamos num casamento, não tinha som, não tinha nada.

Elisa – Era sanfona.

Ernestina – Não tinha nem sanfona. Tinha um prato.

José – E a porta, batia na porta.

Elisa – Eu mesmo tinha um avô que fazia batuque na casa de qualquer um, batendo na porta, e o povo dançava a noite toda.

Ernestina – É uma tradição que a gente vem acompanhando. Hoje tem instrumento, tem a sanfona, mas a gente não esquece daquilo não. E qualquer coisa, a gente saía com um prato aí e dançava Caboclo, Roda, Vilão.

*Então, as principais manifestações são o Vilão, a Roda...*

Ernestina – O Nove. Tem um “passa quatro” que os novos não sabem fazer, a “trança” dele. Se chama Catira.

*A senhora dançava também a Catira?*

Ernestina – A Catira é mais os homens, mas a gente também ajudava.

*A Catira então é uma dança de homens?*

Ernestina – É, de quatro homens.

*Que instrumentos que acompanham a Catira?*

Elisa – A viola e o pandeiro, mas usava o prato também. Pegava um prato com garfo e vai batendo na beirada.

*O tambor aparece em outras manifestações?*

Elisa – Sim.

E – É mais recente?

José – Usava a caixa, aquela caixinha de couro.

*Mas é de caixeira, que as mulheres usam?*

José – O tambor que usava era aquele de madeira, um batia na frente, e outro com pedaço de pau atrás, para levantar o mastro.

Elisa – Na cidade mesmo, se não tiver aquele tambor ali, a gente sente falta dele. A festa mesmo é no tambor que vai chamando.

*Eu gostaria de saber da situação das escolas aqui. As crianças não têm escola aqui, eles vão estudar lá em Chapada do Norte?*

José – Ainda tem escola de 1º a 3º ano das crianças. Do 4º ano para frente é que vai para Chapada, na cidade.

*Quantos quilômetros são daqui até lá?*

José – São 15 quilômetros, mas a gente anda mais, porque entra nos lugares para pegar outras crianças.

*O que vocês entendem por ser quilombola?*

Sandro – A gente vivia escondido por esses matos, mas depois veio a informação de a gente ser quilombola, e nós não achamos ruim, não. A gente ficou contente por saber que nós somos quilombolas. Nós temos a nossa raça.

José – O pessoal se escondia por esses buracos todos. Eu conheci a minha avó, que morreu com 104 anos. Eles dizem que foram fugidos e se esconderam por aqui, o pessoal comenta.

Elisa – A minha bisavó também foi pegada no mato, “de cachorro”. Minha mãe sempre conta que ela foi pegada no mato, como cachorro, ela era da raça índio.



Ernestina – A minha mãe sempre falava também que a avó dela foi pegada no mato de cachorro, que chegou aqui corrida, sem comer. Dizem que chegou comendo até coró de boi. Ela sempre conta. E depois de pega até casou e formou uma família.

Quando falavam que a gente era quilombola, eu lembrava de outra coisa. Porque no mato tinha um pau que chamava quilombola. A gente ia no mato e pegava, depois rapava e punha sal, gordurinha e fazia o angu no domingo. E olha, ficava gostoso. Então é isso que nós sempre entendíamos sobre quilombola. Era nossa alimentação quando a gente era pequena.